

CONTRIBUIÇÕES DO SABER FILOSÓFICO PARA A FORMAÇÃO ÉTICA DO DOCENTE

Márcia Cristina Machado Oliveira SANTOS¹

Almiro SCHULZ²

RESUMO

Trata-se de uma parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação do Curso de Mestrado em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação-CEPAE/UFG, na linha de pesquisa “Práticas Escolares e Aplicação do Conhecimento, na Área de Linguagens, Ciências Humanas e suas Tecnologias”. A pesquisa busca, prioritariamente: apreender possibilidades, limites, ações e funções da formação de professores do AEE - Atendimento Educacional Especializado - na APAE- Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - de Goiânia; contribuições do saber filosófico para a formação ética e quais os saberes filosóficos que permeiam a prática pedagógica desse grupo de professores. Este texto enfoca o lugar da ética na formação do docente. A ética e a formação docente são hoje assuntos que estão em pauta, sendo assim é preciso considerar como eles se percebem no processo da formação e na prática docente, pois o exercício da docência requer atitudes, decisões e ações que têm implicações éticas. A ética, conteúdo da filosofia, é um saber voltado para o “dever-ser”, por isso é importante para fundamentar as concepções, ações e atitudes dos docentes. A pesquisa é de natureza qualitativa, com base em fontes bibliográficas, documentais e em um questionário aplicado aos professores do AEE na APAE de Goiânia. Verifica-se que tanto as fontes bibliográficas e documentais, como a pesquisa empírica, apontam para uma relação entre o exercício da docência e a ética, indicando a relevância desta para a formação do professor.

Palavras-chave: Formação docente, Atendimento Educacional Especializado, Saber filosófico, Ética.

¹ Pedagoga, psicopedagoga, especialização em Atendimento Educacional Especializado e mestranda em Ensino na Educação Básica no Centro de Estudos e Pesquisas Aplicado à Educação - CEPAE – da Universidade Federal de Goiás -UFG. marciacia2@gmail.com.

² Teólogo, filósofo, Mestre em Filosofia e Doutor em Educação. Professor efetivo pela Universidade Federal de Goiás na Faculdade de Filosofia e no Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica no CEPAE. almiroschulz@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objeto a formação de professores do AEE - Atendimento Educacional Especializado - na APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – da cidade de Goiânia. Mesmo que a educação inclusiva seja meta das políticas educacionais, o AEE ocupa seu lugar. Daí a preocupação com a formação dos professores que nele atuam e, mais especificamente, com as contribuições do saber filosófico para uma formação ética dos docentes.

O interesse pelo tema foi se configurando com a prática da pesquisadora como professora do AEE há alguns anos. Percebe-se a complexidade do trabalho docente que se desenvolve, pois este se configura em uma atividade pedagógica peculiar, por trabalhar diretamente não só com as crianças, mas com o coletivo da escola, com a família e em estudos de caso de alunos, em equipe multiprofissional. Quando necessário e/ou requisitado, esse professor deve também orientar o professor de sala de aula regular sobre serviços e recursos a serem oferecidos ao aluno com deficiência e pontuar os tipos de parcerias necessários para aprimoramento das potencialidades de aprendizagem. Envolve, por exemplo, a produção de materiais e a indicação de recursos para romper, amenizar ou eliminar barreiras que interferem no acesso ao conhecimento, o que também abrange a relação com familiares dos alunos. Assim, é necessário uma formação que atenda a essa realidade, formação que exige conhecimentos e prática reflexiva para um trabalho coletivo colaborativo, ético e de rede.

É preciso considerar como a ética está presente na formação docente, pois o exercício da docência requer atitudes, decisões e ações que têm implicações éticas. Com frequência o professor se depara com dilemas, decisões, direitos seus e dos alunos. A ética kantiana, conteúdo da filosofia, é um saber voltado para o “dever-ser”. Nesse sentido, considera-se que é importante para fundamentar concepções e ações dos docentes.

Tem-se como objetivo geral, na pesquisa, realizar um estudo sobre a formação de professores que atuam no AEE na APAE e como saberes da filosofia fundamentam a formação ética para o exercício da docência, em especial no que concerne à responsabilidade da prática do ensino. Os objetivos específicos são: identificar os saberes filosóficos que permeiam a prática pedagógica dos professores do AEE na APAE de Goiânia; verificar qual saber filosófico faz parte da formação específica - graduação e pós-graduação - desses professores e apontar saberes filosóficos que possam contribuir para a especificidade da sua formação.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa (LUDKE; ANDRÉ, 1986) e com dados quantitativos, com base em fontes bibliográficas para fundamentação teórica, fontes documentais e pesquisa empírica, com aplicação de um questionário aos professores da AEE da APAE de Goiânia. O instrumento teve como critério de inclusão os 18 (dezoito) professores atuantes na unidade AEE, e como critério de exclusão aqueles, que por livre iniciativa, optassem por não participar da pesquisa. A aplicação, que ocorreu no espaço da atuação dos professores, com a devida autorização da direção da unidade da APAE, por meio do Termo de Anuência, se deu após o esclarecimento sobre a proposta, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCTE e após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da UFG.

2-LUGAR DA ÉTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE

A formação de professores tem sido cerne de pesquisas, debates e estudos e é assinalada como quesito para mudança nas práticas em sala de aula. Coêlho (2012, p. 87) corrobora essa questão trazendo uma reflexão a respeito da imagem do professor na sociedade:

A imagem do professor na sociedade tem raízes econômicas, socioculturais e, em seus aspectos negativos, se faz presente em sua representação como alguém que, mesmo cumprindo as obrigações, muitas vezes não consegue ensinar os alunos a ler, escrever, nem os conhecimentos principais das disciplinas. A essa imagem se associa a representação da educação de baixa qualidade e da escola como organização que funciona mal, é pouco produtiva e – reduzida a espaço de socialização do saber sistematizado, de preparação para a vida, a continuidade dos estudos e o trabalho – não consegue desempenhar bem sua função.

Coêlho (2013) pontua a importância da reflexão e ação para uma escola e um professor que sejam diferentes, por sua formação pensante:

Uma escola diferente, não porque valorizaria ações espontâneas, ideias e propostas surgidas nas últimas décadas, mas porque interroga sua razão de ser e o trabalho de torná-la *instituição* por excelência de iniciação dos estudantes na leitura, na escrita, no estudo, na sensibilidade, na imaginação e no pensamento; trabalha para ampliar, enriquecer e aprofundar os horizontes intelectuais e humanos da família, da rua, da mídia, do cotidiano, das organizações, criando novos direitos e formando sujeitos da cultura e da política (COÊLHO, 2013, p. 103-104).

Ensinar a pensar é profundo. Implica ensinar a ler, a ver e sentir a beleza, os textos e o mundo, como estão sendo lidos e interrogados, ou seja, qual o discurso posto. Dessa forma, a aula ganha sentido e faz a diferença para o aluno. A ética como forma de agir, princípio

orientador da ação, ocorre no nível do pensamento, da clareza do bom, do belo e do justo, sob o olhar da cultura e da filosofia.

Os saberes se articulam e perpassam a experiência cotidiana do professor desde a sua própria escolarização – do ensino básico ao superior, no aprendizado com seus professores e pares e na sua atuação profissional – e contribuem com a formação teórica da matéria ou disciplina lecionada, com o currículo e com a pedagogia. Portanto, teoria e prática têm um percurso entrelaçado e constante. No movimento do cotidiano da sala de aula ocorre a reflexão, a crítica e o pensar em torno da prática, a busca por conhecimentos que permitam estruturar o fazer pedagógico de forma significativa.

Os valores devem guiar a prática pedagógica. No atual contexto de diversidade presente na escola - de alunos, professores, saberes, informações e conhecimento -, evidencia-se a diversidade moral, que leva a pensar na formação ética. Nessa perspectiva, Coêlho (2013, p. 104, grifo do autor) evidencia:

Tudo isso pressupõe necessariamente *outros professores*, a serem formados, e que não se deixem reduzir a meros transmissores de conteúdos, de informações, de verdades a serem aceitas pelos alunos porque são, ou melhor, seriam verdades científicas. Professores que se reconheçam e se afirmem como seres humanos, participem da instituição da vida coletiva, questionem o imaginário social dos que se veem como socializadores do saber sistematizado, e dos alunos que se veem e são vistos como aqueles que devem apropriar-se desse saber. E que façam tudo isso, de forma lúcida e apaixonada, como dimensão autônoma, livre e interrogante de seu *ofício* de ensinar e formar.

Nessa base, percebe-se que são requeridos outros professores, outra forma pensante de formação, outras escolas, outras aulas, outros planejamento, outras avaliações, que transcendam as existentes.

Coêlho esclarece (2013, p.91):

A escola poderá tornar-se diferente e prazerosa, não porque tenha esporte, computador e internet, socializa conteúdos e informações, por mais interessantes que possam parecer, nem por se tornar cópia esmaecida das mídias, mas porque *se faz significativa para as crianças e jovens*. Sem o aprendizado e o cultivo do pensamento, a interrogação do sentido e da gênese do real e do imaginário, do mundo físico e humano, entretanto, dificilmente os cursos de licenciatura conseguirão transcender o imediatismo, a simplificação do saber, os equívocos da teoria e da prática, o culto do mercado, do consumo e da tecnologia; bem como superar as atitudes de *menoridade*, no sentido Kantiano (Kant 1995^a e 1995^b).

Esses pontos precisam estar em debate em toda a sociedade, não se restringindo ao âmbito da escola ou da universidade. Transpor da menoridade para a maioridade, segundo Kant (1986), requer a conquista da liberdade, da autonomia do pensar, da moral e da ética.

Para Rios (2001, p. 107):

Fala-se muito que é tarefa da educação a formação da cidadania. É tarefa dos professores contribuir com seu trabalho para essa formação. Eles o farão, se sua ação se realizar continuamente na direção da competência, na articulação dialética das dimensões dessa competência.

Essa tarefa de formação para a cidadania precisa ser o fundamento da educação, do trabalho docente. Não basta dominar os conceitos da disciplina, do currículo a ser ensinado e da pedagogia, mas é preciso visar a uma docência de qualidade, que é resultado de um compromisso com a dignidade humana, com a vida.

Rios (2001, p. 109) pontua:

Por isso, a cidadania que precisamos formar, com o exercício da docência competente, não é uma cidadania qualquer. Ela ganha sentido num espaço *democrático*, que também demanda um esforço de construção coletiva e no qual dilemas e conflitos estão a nos desafiar.

O exercício da docência competente ocorre com o desenvolvimento do pensar, da reflexão, da crítica e da criação e também do compromisso com a escola com as necessidades do aluno real inserido em um contexto social, econômico e político também real. Comprometer-se com a responsabilidade de uma formação para a cidadania supõe formar para o saber pensar, ouvir, falar e agir pensado e construído no bem comum em sociedade e para o humano.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96 – trata a formação para a cidadania nos seguintes termos: “Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

A escola tem o papel de proporcionar e primar por uma educação que efetivamente contribua para a orientação e formação de indivíduos que reconheçam o outro, respeitando as diferenças, e os professores devem viabilizar o desenvolvimento moral e intelectual buscando a autonomia dos discentes. Para Kant (2005), o indivíduo autônomo é aquele que se libertou da menoridade e alcança sua maioridade intelectual e moral. Essa consciência autônoma é um ato de coragem, torna o sujeito consciente do seu pensamento e responsável pelas próprias ações e permite a ele resolver problemas diversos, desenvolvendo uma reflexão. Na educação que prima pelo diálogo entre os sujeitos que a protagonizam, a ética torna-se imprescindível

para a autonomia e para a formação ética e humana, considerando os valores que permeiam condutas.

Para pensar o processo de formação docente no contexto filosófico, é necessário que a formação seja constante e que o professor seja responsável pela própria profissionalização. Nessa mesma perspectiva, a universidade precisa repensar seu currículo, sua prática e suas teorias, e as escolas também precisam se reestruturar, pois são lócus de pensar, refletir, criticar, criar e estruturar o fazer pedagógico. Carbonara (2008, p. 128) assevera que:

A ação educacional é sempre humanizadora, e como tal, contribui criando condições para que cada humano responda eticamente aos demais. Assim, a educação não forma sociedade e nem forma cidadãos, mas forma homens e mulheres que se põem continuamente em relação entre si.

A educação é, pois, lugar privilegiado de encontro com o outro, um encontro com o humano, com a aprendizagem, com a vida.

Rios (2010) lembra que o termo ética origina-se do grego, “aquilo que pertence ao caráter”. A diferença entre ética e moral, é que esta última é relacionada a regras, normas e costumes de cada cultura, e a ética relaciona-se com o modo de agir, de ser e de conviver das pessoas.

Objeto de estudo da filosofia, a ética é a base da conduta do ser humano, do agir e do proceder na sociedade, no dia a dia, diante das situações que exigem questionamentos, tomadas de decisões e atitudes. A filosofia tem o papel de ensinar a pensar, a refletir e questionar sobre os desafios postos pela sociedade e sobre o que motiva o sujeito a se posicionar de um ou de outro modo. O ato de pensar e de questionar, para a filosofia, constitui-se na liberdade do cidadão.

Percebe-se que ética e prática docente têm relação estreita. O fazer pedagógico exige conhecimento e postura ética, por se tratar de uma prática de ensinar a pensar, de formar cidadãos críticos, reflexivos, questionadores, responsáveis, autônomos e atuantes como sujeitos do processo histórico e social.

A formação ética tem sido pontuada na educação, nas diversas áreas do conhecimento e em várias profissões, em palestras, grupos de estudo, debates, artigos, entre outros meios. Vive-se em uma sociedade em que os valores estão em xeque-mate, em que é valoroso para uma grande maioria das pessoas é o ter. O ser está mascarado pelo tempo e pelas conquistas materiais, pela busca de conhecimentos e informações e pelo grande avanço tecnológico. Existe uma crise ética.

Kuiava e Sangalli (2008, p. 90) pontuam:

A questão não está na falta de informações e de tecnologias disponíveis para a solução de problemas, mas na formação ética dos profissionais em geral, especialmente dos profissionais da educação. Em outras palavras: é preciso saber usar as informações, as tecnologias, os conhecimentos adquiridos, para melhor saber viver e conviver com os outros.

Na educação, a busca pelo conhecimento científico e tecnológico é prioridade e parece despida de valores éticos. Há ainda há indignação e questionamentos em torno da violência presente nos contextos familiar, educacional e social e não se encontram possíveis soluções. Dessa forma, há indícios de que não há espaço para discutir, pensar, refletir, questionar e viver valores éticos. Qual o discernimento, o alicerce sobre a maneira de agir, de decidir, de viver? Acredita-se que seja necessário priorizar a formação ética antes de nossas ambições perante a vida, perante o outro.

Uma das questões que se colocam quando se discute a formação ética do docente é: como ela ocorre? É uma questão intrigante, pois a ética é um tema atual, porém, sua discussão e preocupação na formação dos jovens inicia-se na antiguidade grega, a partir de Aristóteles, e vem passando pela linha do tempo até a atualidade. Vive-se uma crise de valores morais e éticos? Fica a questão: ética se ensina e ou é aprendida? Em caso afirmativo, como é esse processo de formação e qual sua fragilidade? Como está presente na vida familiar e acadêmica, que se constituem a formação profissional e humana?

Buscam-se nos autores Carbonara e Kuiava (2009, p.66 - 67) ideias para pensar e compreender um pouco acerca dessas questões:

A educação moral tem por objetivo inserir um sujeito no contexto de valores socialmente reconhecidos e cujo cultivo se deseja perpetuar. [...] A aprendizagem moral é uma aprendizagem para o mundo exterior. Mas, para responder a ele, o sujeito precisa constituir-se subjetivamente e refletir eticamente sobre o seu agir e sobre os valores que lhes são apresentados como reconhecimentos. E aí que entra em pauta a formação ética do sujeito.

Os autores pontuam que é necessário inserir o sujeito em um contexto em que se vivenciam valores morais, um ambiente que o leva a refletir, questionar, pensar, sentir e perceber esses valores, pelo conviver com o outro, com as normas, regras e virtudes, de forma que se humaniza durante o processo, e não apenas recebe informações e conhecimentos.

Carbonara e Kuiava (2009, p. 67) destacam:

A formação ética se dá no plano da constituição da subjetividade: do fazer-se humano no homem. Não há humanidade trazida naturalmente à vida, o que há por natureza nada mais é que um potencial que se poderá ou não desenvolver. O homem precisa pôr-se no mundo e também se pôr com o

mundo e faz isso por meio daquilo que lhe permite dar significado (possuir) e dizer (compartilhar) o mundo: a linguagem. A linguagem – pôr-se em relação com o outro – é que traz a possibilidade de humanização do homem. ...A linguagem pressupõe outrem na relação. E porque o homem se faz humano a partir desse *pôr-se diante de outrem* é que a ética se apresenta como elemento decisivo. Em razão disso a ética confunde-se com a própria constituição da subjetividade, pois o homem pela percepção do outro como inteiramente outro na relação.

A formação ética constitui-se, portanto, na relação com o outro, sobretudo em contextos e ambientes onde se faz necessária a convivência com o outro, que exige regras e normas e, principalmente, que têm responsabilidade pela formação do sujeito, como a escola e a família. Portanto, esses contextos precisam não só trazer discussões e reflexões em torno da ética, mas proporcionar um ambiente que prime pelo pensar, pelo diálogo, pelo saber ouvir, pelo respeito e pela reflexão, sob referências de justiça, democracia e solidariedade.

3-RESPONSABILIDADE ÉTICA DA PRÁTICA DOCENTE

Carbonara (2008, p. 129) pontua que “[...] “a ética é o fundamento da educação”. Ambas estão conectadas; ao educar, ser responsável pela aprendizagem e desenvolvimento do seu aluno, o professor está praticando uma conduta ética. Por isso, “[...] A educação é esse espaço privilegiado de construção do humano, de possibilidade para assumir a ética como fundamento de todo agir” (CARBONARA, 2008, p. 131).

É preciso, então, pensar na responsabilidade de uma prática pedagógica que reconhece e assume essa concepção, tanto no dia a dia da sala de aula como na consciência de buscar uma formação e também no diálogo com a comunidade escolar. A prática docente precisa, mais do que refletir sobre a ética, vivenciá-la, ser um espaço que permite o sentir, o viver e o agir com o outro com liberdade, autonomia e responsabilidade para romper com o preconceito e com a violência. Isso não ocorre de um momento para outro; vem sendo construído e precisa avançar, rompendo paradigmas.

Cabe dizer, então, que o papel social do professor na formação de valores morais e éticos nos alunos vai se agigantando à medida que sua própria formação se direciona para esses valores e despertam reflexões.

Estrela, Afonso e Caetano (2010, p.71) tratam:

[...] acerca da utilização dos dilemas em formação, de conciliar dois movimentos – por um lado de expansão de possibilidades (de compreensão e acção) e por outro lado de integração destas- através de um diálogo para o

qual são convocados muitos, directa ou indirectamente presentes. Um diálogo onde a reflexão ética pode estar no cerne, uma reflexão que conjugue regras, razões, crenças, saberes, linguagens, sentimentos, posições e que vá orientando para a construção colaborativa de soluções criativas, que emirjam com terceiras vias, orientadas pelo sentido de um valor maior ou do bem maior da maioria, mas que se afirmem como convicções de diversos intervenientes. Este é também um modo de pôr em acção uma formação ética de professores, parcialmente isomórfica à intervenção educativa com alunos, baseada em princípios como a reflexividade e contextualização, onde há uma relação recursiva entre várias perspectivas teóricas, nomeadamente entre uma ética da discussão e da compreensão e entre as abordagens deliberativa e crítica, que acentuam a necessidade de conhecer e compreender a complexidade das situações, no seu contexto, para por um lado decidir, deliberar de forma participada sobre as situações concretas, mas também para as aproveitar com vista a uma discussão mais abrangente e com sentido transformador mais amplo que extravase as situações particulares.

As autoras referem-se à formação ética colaborativa em situações reais, contextualizadas e que se dá através do diálogo, do pensar e da acolhida (da escuta e olhar), para que possa ocorrer por meio de um agir teórico-prático que ultrapasse as fronteiras da sala de aula e envolva a comunidade escolar: professores, alunos e famílias.

Segundo Cêlho (2013, p. 100-101):

A teoria não é um conjunto de ideias que ordenaria os fatos, acontecimentos e experiências, mas o pensamento, a compreensão do significado e da gênese da prática. Esta, por sua vez, não é um conjunto de dados e fatos a serem ordenados pela teoria, nem a aplicação do que teria sido ela definido, mas a produção histórico-social do real e do imaginário. Importa, pois, que professores e estudantes reconheçam a natureza da teoria e da prática e de sua relação, rompendo com a ingenuidade de que algum artifício ou cuidado na reforma curricular poderia garantir sua integração, de fora para dentro e de cima para baixo.

Têm-se, então, dois conceitos distintos, teoria e prática, porém intrínsecos, que dialogam para melhor interrogar, duvidar, refletir, compreender, argumentar e buscar a superação dos desafios da prática docente, que implicam sua responsabilidade ética do docente perante aluno, a sala de aula, a escola e o mundo.

A pertinência deste estudo constitui-se na investigação e questionamento dos saberes filosóficos que permeiam a prática de ensino no âmbito do AEE na APAE de Goiânia. Como educar todos os alunos, na e para as diferenças, para a dignidade, para o respeito, para os valores?

A ética precisa ser um dos fundamentos das ideias (teoria) e da prática dos professores. Presume-se que a filosofia esteja em um diálogo constante com a educação (pedagogia), não para ditar princípios e objetivos ou servir de guia ou teoria geral, mas ser o eixo norteador das reflexões, do pensar e agir com criticidade e autonomia, nas atividades das

disciplinas e na avaliação do sentido e do significado dos processos de ensino e aprendizagem, bem como das soluções ou considerações pontuadas. Com isso, a ação pedagógica se aproxima da coerência, da lucidez, da capacidade de promover o humano e de tornar possível a própria transformação.

4-ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS EMPÍRICOS

Analisaremos as respostas dos professores participantes da pesquisa empírica, buscando informações sobre como os saberes da filosofia fundamentam a formação ética para o exercício da docência, em especial, a responsabilidade da prática de ensino dos alunos com deficiência.

Como a análise e discussão dos dados está em processo, apresentar-se-á um recorte das questões mais pertinentes ao presente estudo. Seguem algumas questões conforme apresentados aos participantes, com uma síntese das respostas e da análise/discussão:

- a) A formação ética de um docente é muito importante



Gráfico 1 – A formação ética de um docente é muito importante

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Os 13 professores qualificaram a afirmativa como totalmente verdadeira – 100%. Essa opinião é importante e corresponde ao que teóricos sustentam: não há ato educativo sem ética; educação e ética estão em diálogo constante.

Segundo Carbonara e Kuiava (2009, p. 72):

A docência precisa ser por excelência, uma ação de formação ética e, por extensão, humanizadora. A docência, quando tematiza a filosofia, potencializa essa responsabilidade: deve chamar para si o dever de propor

reflexões sobre o agir humano e sobre a própria condição humana. O ensino da ética enquanto promotor dessa reflexão cumpre um papel primordial tanto na formação ética-e, portanto, para a constituição da subjetividade – quanto em subsidiar filosoficamente a reflexão sobre o agir humano.

Quando o profissional da educação tem como princípio a formação ética, indica uma busca por aperfeiçoamentos que tragam conhecimentos sobre esse tema e que reflitam e relacionem teoria e prática. Com a potencialização de valores na formação docente, tem-se um resultado primordial na ação, reluzem no ensino valores morais, ponto primordial do processo de formação ética, do agir humano.

c) A formação ética do docente tem uma influência na qualidade do ensino

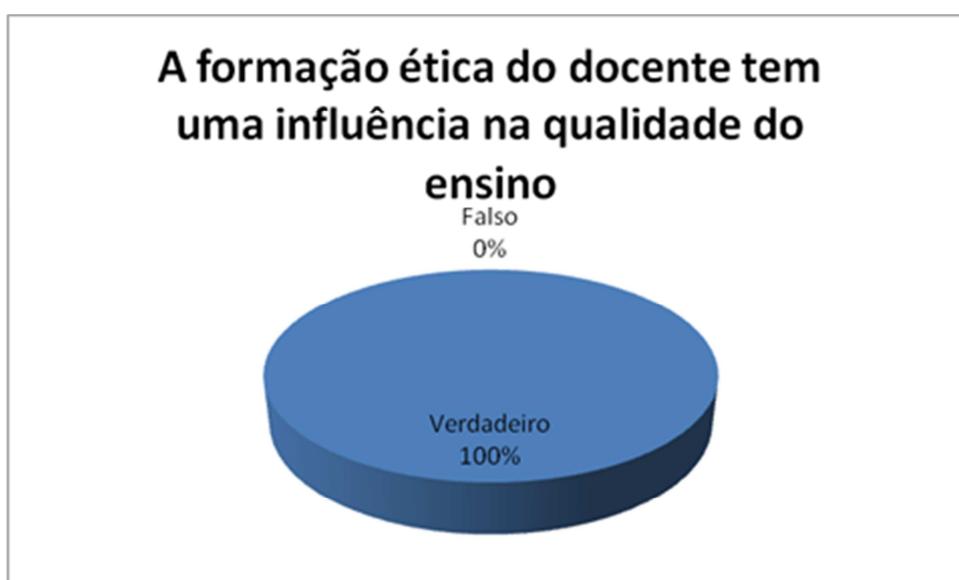


Gráfico 2 - A formação ética do docente tem uma influência na qualidade do ensino

Fonte: Elaboração da pesquisadora

A afirmativa acima foi considerada por todos “totalmente verdadeira. Essa resposta remete a refletir sobre o que precisa estar na pauta, na ementa, no conteúdo, na avaliação, nos programas e nas ações formativas de professores, ou seja, naquilo que o professor precisa conhecer para que o processo de aprendizagem aconteça efetivamente. Recorre-se aos autores: Kuiava e Sangalli (2008, p. 91) que pontuam sobre o assunto:

Embora a atitude científica seja um elemento fundamental na formação de cidadãos capazes de buscar soluções criativas para os seus problemas, a educação ética precisa estar presente no ato de ensinar e aprender. A formação do espírito científico sem a ética é cega. Por outro lado, a educação ética sem o diálogo com a ciência tende a ser vazia de sentido e de conteúdo, cujo destino é transformar-se em ideologia.

Os professores precisam ter responsabilidade, compromisso ético pelo que ensinam, pela sua prática, pelo seu aluno. Esta é uma questão subjetiva, situação em que a ética é fator preponderante. Kant (1996) considera que a moral é a liberdade de escolher a melhor forma de usar a prática. No caso específico da ação pedagógica, será a melhor aula que o professor der, considerando o processo de aprendizagem de todos os alunos.

d) No contexto da Educação Especial, os saberes éticos da filosofia estiveram presentes na sua formação docente?



Gráfico 3 - No contexto da Educação Especial, os saberes éticos da filosofia estiveram presentes na sua formação docente?

Fonte: Elaboração da pesquisadora

A maioria (11 professores) respondeu afirmativamente.

Nessa questão, 85% dos professores afirmaram que no contexto da Educação Especial os saberes éticos da filosofia estiveram presentes na formação docente e alguns foram mencionados. Um ponto importante que poderia ser analisado é como ocorreu essa formação, se está prevista no currículo, nas disciplinas, nos conteúdos, e quais metodologias adotadas, de que forma essa formação transcorreu. Segundo verificação em alguns PPCs dos cursos de formação de professores (em outro momento será dedicada a eles uma análise específica), a questão é tratada de forma sutil. Eles não fazem menção aos saberes filosóficos, a formação ética dos profissionais e alunos não está explícita e de forma linear, mas nos objetivos, ementas e conteúdos há referência quanto à formação para a cidadania. Percebe-se, por outro

lado, a elaboração da questão supracitada pode não ter permitido uma reflexão nessa perspectiva. Assim, os dados não nos autorizam analisar como os saberes éticos da filosofia estão presentes na formação de professores.

No contexto da Educação Especial, os saberes éticos da filosofia estiveram presentes na sua formação docente?

Parte b da questão 2-a

Em caso afirmativo, relacione alguns.

Os saberes éticos da filosofia que estiveram presentes na formação docente de 85% dos professores pesquisados:

Pela amplitude das respostas, vamos analisar as que mais se destacaram:

- Respeito à diversidade e aos direitos e deveres do outro. 29,63%;
- Solidariedade, diálogo, condição de aprendizagem, ouvir os alunos, cumprimento das regras, não expor ninguém as situações constrangedoras, enxergar o outro. 18,52%
- Justiça. 7,41%.

Segundo Kant (1996, p. 95), deve-se educar as crianças e jovens na perspectiva dos “Deveres para com os demais. Deve-se inculcar desde cedo nas crianças o respeito e atenção aos direitos humanos e procurar assiduamente que os ponha em prática”. Para esse filósofo, “De modo algum é permitido uma criança humilhar outra. [...] Mas é necessário ao mesmo tempo procurar solidificar a franqueza nas crianças. [...] Deve-se distinguir a franqueza da arrogância; esta consiste na indiferença diante dos juízos dos outros”. Ao mesmo tempo que ele propõe uma educação de respeito e solidariedade, pontua a solidificação da franqueza, mas sem confundir com a arrogância. “Deve-se orientar o jovem à humanidade no trato com os outros, aos sentimentos cosmopolitas” (KANT, 1996, p. 114).

A pedagogia kantiana (1996) remete a uma educação em que o treino e a memória não são suficientes. É necessário educar para o pensar, uma educação intelectual, que desenvolva diferentes potencialidades humanas, de maneira que a criança pense por conta própria e alcançar a autonomia moral. A disciplina é o alicerce para que ela a conduza sua vontade pela razão e se torne autônoma, cidadã do mundo. Essa perspectiva corrobora a consolidação do caráter e este supõe decidir fazer algo e colocá-lo em prática.

Essa pedagogia tem relação estreita com os itens que os professores elencaram como saberes éticos presentes em sua formação: respeito à diversidade e aos direitos e deveres;

solidariedade; diálogo; condição de aprendizagem; ouvir os alunos; cumprimento das regras, não exposição de ninguém a situações constrangedoras; enxergar o outro e justiça. A filosofia pedagógica de Kant (1996) prima por educar a criança e o jovem desde cedo nessa reflexão, no pensar, o que não ocorre apenas pelo conhecer, pela autonomia intelectual, mas também pela autonomia moral, que é a base das ações. E para formar a criança e o jovem é imprescindível formar o adulto responsável por essa formação, no caso específico, o professor.

A formação ética do professor não está prevista no currículo de forma pontual nem existe um código de ética que norteie as práticas docentes. Entretanto, pelos estudos sobre o tema, entende-se que a ética não se separa da educação e que o processo de formação ética ocorre na interface entre teoria e prática na vivência em situações cotidianas, pois todo ser humano tem uma concepção que norteia suas ações, mesmo que não tenha conhecimento e consciência desta. Nesse espaço, a Filosofia contribui para a formação ética do professor, por permitir refletir, questionar e estabelecer relações acerca de ideias, concepções e teorias que sustentam a prática pedagógica.

Finalizando a análise e discussão dos dados, esclarecemos que o questionário/instrumento de pesquisa foi estruturado em três partes, com perguntas objetivas, subjetivas e relatos de incidentes positivos e negativos. A primeira parte identificou que a maioria dos professores considera a formação ética docente importante, precisa ocorrer nos cursos de licenciatura e de formação continuada e influencia na qualidade do ensino. No segundo grupo de perguntas os professores afirmaram que no contexto da educação especial os saberes éticos da filosofia estiveram presentes na formação docente. Em relação à pergunta: “Em sua opinião, que saberes éticos precisariam compor a formação continuada para uma educação e uma orientação mais sólida aos nossos alunos?”, nem todas as respostas se reportaram aos saberes éticos. Foram analisadas as que mais se destacaram: “Abordar a formação ética em todas as disciplinas da formação continuada, considerando a ética, refletirá na prática docente. Conscientizar sobre os direitos de pessoas especiais. Reflexão/autoconscientização em relação ao preconceito/discriminação. Respeito à dignidade e aos valores.” Essas pontuações levam a pensar numa filosofia em diálogo constante com a prática, com a sala de aula, com o aluno. Nessas respostas os professores indicaram valores éticos presentes nas suas ações.

Na direção da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, destacaram-se as seguintes respostas: “Respeito às diferenças; respeito pelo aluno, família, cultura e sua deficiência; responsabilidade e compromisso com o meu trabalho. Proporciona a pensar sobre

é a ética da inclusão, reconhecer o aluno como sujeito, considerando o ser humano, constituído de desejo, necessidades, potencialidades e limites e não a deficiência do aluno.”

Como tais concepções concretizam-se ou fundamentam a prática pedagógica dos professores do AEE na APAE?

Percebe-se que esses conceitos vinculam-se às teorias da formação na área da educação. Coletivamente, os princípios éticos da inclusão regem o trabalho da equipe que busca utilizar os recursos e instrumentos disponíveis numa prática pensada e organizada em função das necessidades, potencialidades da aprendizagem das crianças.

No terceiro grupo, os relatos dos professores trazem que há uma boa formação ética, uma preocupação com o respeito e valorização do aluno com vistas ao aprendizado e desenvolvimento.

Há um caminho a percorrer com esses dados, mas é certo que houve uma indicação da importância da formação ética na formação de professores e a contribuição desta para a prática pedagógica. A ética não se ensina de forma isolada, ela intercorre na transversalidade, percorre todos os componentes curriculares, mostrando-se nas atitudes, reflexões e ações dos professores e alunos e de toda a comunidade escolar. Quem corrobora nessa perspectiva são os autores Carbonara e Kuiava (2009, p. 69):

Não que esse ensino não seja viável, mas é preciso pensá-lo de uma perspectiva muito mais reflexiva que transmissiva ou explicativa. A própria concepção de docência precisa ser foco de análise, já que se mostra inviável pensar que há um sujeito que sabe ética e, por isso, a ensina para outro que não sabe. A ética – interioridade – em si não pode ser ensinada, o que se pode ensinar é a reflexão ética. Ensina-se a pensar o mundo valendo-se da ética; sobretudo ensina-se a olhar para o agir humano, como exterioridade, e pensá-lo de um ponto de vista ético. Na reflexão ética, o sujeito não condiciona o mundo baseando-se apenas em sua interioridade, mas também em abertura ao outro, assim compreende, interpreta sobre as ações exteriores a si.

Os autores pontuam que não há atitudes que farão a inserção de um aluno na ética, mas a educação possibilita o movimento do pensar, da reflexão do humano no homem.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta comunicação e da pesquisa em andamento é estabelecer um diálogo entre o saber filosófico e suas possibilidades de contribuição para a formação ética dos professores, em especial os do AEE da APAE de Goiânia. A necessidade de um preparo melhor no campo da ética se justifica pelos dilemas, decisões e direitos, tanto do professor como dos alunos no cotidiano da escola. A ética e a formação possuem relações estreitas, por isso a importância desse. Que saberes são constituídos, ressignificados, refletidos nos cursos de formação e que fazem a diferença na prática de ensino?

Se a docência é uma profissão, esta precisa ser aprendida; ninguém nasce professor, aprende-se ao longo do exercício e estudo, num mundo em constantes mudanças. Quer-se então destacar a ética como um componente no processo de formação profissional.

Este estudo não tem a pretensão de fechar esse ciclo de reflexões, mas de abrir outros caminhos, mediante os saberes da filosofia, para que o ensino seja mais humano, promova a liberdade e autonomia, assim como o saber ouvir, agir, pensar e conviver com a diversidade dos alunos que estão na escola, com seus modos de ser, necessidades e potencialidades.

6-REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20/12/1996 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CARBONARA, Vanderlei. Docência e ética: um apelo humano por uma pedagogia da justiça. In: KUIAVA, Evaldo Antônio; SANGALLI, Ildalgo José; CARBONARA, Vanderlei (Orgs.). **Filosofia, formação docente e cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2008. p. 127 - 142 – (Coleção filosofia e ensino; 12).

CARBONARA, Vanderlei; KUIAVA, Evaldo Antônio. Sobre docência, diálogo e a formação ética. In: CEPPAS, Filipe; OLIVEIRA, Paula R. de; SARDI, Sérgio A. (Org.). **Ensino de Filosofia: formação e emancipação**. Campinas: Alínea, 2009. p. 65 – 73.

COELHO, Ildeu Moreira. Formar professores para outra escola. In: _____. **Escritos sobre o sentido da escola**. (Orgs). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 87-104.

DELA COLETA, José Augusto; DELA COLETA, Marília. **A técnica dos incidentes críticos 30 anos utilizados no Brasil**. 2. ed. Uberlândia/MG: Cabral, 2004.

ESTRELA, Maria Teresa; AFONSO, Maria Rosa; CAETANO, Ana Paula. Os dilemas da acção e a sua dimensão formativa. In: ESTRELA, Maria Teresa; CAETANO, Ana Paula (Orgs.). **Ética profissional docente: do pensamento dos professores à formação**. Lisboa: Educa, 2010.

KANT, Immanuel, **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: UNIMEP, 1996.

_____. **Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?** In: **Immanuel Kant: textos seletos**. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão e tradução de Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KUIAVA, Evaldo Antônio; SANGALLI, Ildalgo José. Docência e ética: um apelo humano por uma pedagogia da justiça. In: KUIAVA, Evaldo Antônio; SANGALLI, Ildalgo José; CARBONARA, Vanderlei (Orgs.). **Filosofia, formação Docente e cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2008. p. 89 – 106.(Coleção filosofia e ensino; 12).

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

RIOS, Terezinha Azerêdo. Dimensões da Competência. In: RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2010. p.107-109.